

MONUMENTOS MEGALÍTICOS DA FREGUESIA DE ESCARIZ (AROUCA)

PONTO DA SITUAÇÃO À LUZ DOS PRIMEIROS TRABALHOS (*)

POR

Fernando Augusto P. da Silva (**)

1. Introdução

Os trabalhos pioneiros de investigação sobre os monumentos megalíticos do concelho de Arouca devem-se a D. Domingos de Pinho Brandão que, por alturas dos anos cinquenta, procedeu à escavação de alguns monumentos megalíticos do concelho de Arouca, mais propriamente na freguesia de Escariz, tendo então recolhido variado espólio que hoje se guarda no Museu do Seminário Maior do Porto. Dos monumentos escavados, num total de sete, distribuídos do lugar do Coval ao lugar de Aliviada, na freguesia de Escariz, deu o autor de tais trabalhos algumas notas de carácter geral no jornal regional «Defesa de Arouca» (1), aguardando-se, porém, a publicação dos resultados obtidos na escavação desses monumentos (2).

Embora só nessa altura se tenha verificado o interesse pelo estudo de tais monumentos, isto não significa que não fossem conhecidos desde já algum tempo, não entre os meios eruditos, mas entre as populações, que

(*) Comunicação apresentada à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia em 11/10/85.

(**) Arqueólogo. Centro de Arqueologia de Arouca. Sócio Efectivo da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

(1) Brandão, D. Domingos de Pinho (1957), O Fenómeno Megalítico em Terras do Concelho de Arouca in, *Defesa de Arouca*, n.º 102.

(2) Segundo informação de Vítor Jorge, tais resultados serão publicados nos «Trabalhos» do G.E.A.P.

os designam por «mámoas». Também do ponto de vista documental há referências a alguns dos *tumuli* da região, considerados como marcos de divisória administrativa. Pinho Leal ⁽³⁾ refere-se a alguns deles no seu *Portugal Antigo e Moderno* porém, fá-lo com as imprecisões que caracterizam a sua obra, dando-nos dos mesmos, para já não falarmos das interpretações que permite aduzir, gravíssimos erros de localização, utilizando a toponímia a seu belo prazer, em prejuízo da «toponímia local» ⁽⁴⁾.

Posteriormente aos trabalhos de Pinho Brandão, Filomeno Silva, num relatório de Seminário, apresentado à Faculdade de Letras do Porto, refere alguns desses monumentos, sem, porém, em muitos dos casos indicar a localização precisa dos mesmos, chegando mesmo a trocar os micro-topónimos ⁽⁵⁾. Mais modernamente, Vítor Jorge, a propósito do megalitismo do Norte de Portugal ⁽⁶⁾ refere-se a esta região como sendo a que apresenta uma das maiores densidades de monumentos megalíticos ⁽⁷⁾. Alguns dos monumentos do concelho mereceram um tratamento isolado, como é o caso da Mamoa de Casal Mau, classificada em 1912 como monumento nacional, classificação retirada em nossos dias ⁽⁸⁾; o Dólmen da Portela da Anta, na Serra da Freita, referido primeiramente por Amorim Girão ⁽⁹⁾ e posteriormente por Vera Leisner, sob a designação de Dólmen da Junqueira ⁽¹⁰⁾, de que publica a planta; e, ainda, o dólmen da Mamoa 1 da Aliviada, primeiramente escavado por Pinho Brandão e que, posteriormente, vai merecer a atenção de E. Shee Twohig devido a apresentar, na altura em que esta investigadora o visitou (quando recolhia dados para a sua obra

⁽³⁾ Leal, Pinho (1874), Escariz in, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. III, pp 55-6.

⁽⁴⁾ *Idem*.

⁽⁵⁾ Por exemplo, referindo-se às mamoas da Aliviada, indica-as sob a designação de «mamoas da Venda da Serra».

⁽⁶⁾ Jorge, V. O. (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal: O Distrito do Porto — Os Monumentos e a sua Problemática no Contexto Europeu*, vol. I, Diss. Dout. Fac. Letras da Universidade do Porto.

⁽⁷⁾ *Idem*, Vd. Fig. 1-Est. I in, Jorge, V. O. (1983), *Megalitismo do Norte de Portugal: Um novo balanço*. *Portugalia*, N/S, vol. IV/V (Act. Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste. Homenagem a Rui de Serpa Pinto), pp. 37-45.

⁽⁸⁾ Tal deveu-se a uma informação incorrecta fornecida à Câmara Municipal de Arouca e que a mesma veiculou junto das autoridades competentes, Instituto Português do Património Cultural. Na realidade, o que se verifica é que, não sendo visível o dólmen propriamente dito devido aos esteios terem sido retirados, a mamoa continua a existir.

⁽⁹⁾ Girão, Amorim (1921), *Antiguidades Pré-históricas de Lafões*.

⁽¹⁰⁾ Leisner, G. e V. (1956), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, Deutsches Arch. Inst., *Madridischer Forschungen*, Band I. 1.

sobre a arte megalítica da Europa Ocidental) ⁽¹¹⁾, três esteios com motivos decorativos pintados e/ou gravados ⁽¹²⁾.

Era este, em resumo, o panorama dos conhecimentos que se possuía para os monumentos megalíticos do concelho de Arouca, até iniciarmos os nossos trabalhos de investigação ⁽¹³⁾, o que era muito pouco, se comparado com o de outras regiões onde, desde alguns anos, se vêm levando a cabo estudos sistemáticos, como é o caso dos trabalhos que, desde o ano de 1978, têm a Serra da Aboboreira por centro principal, sob a direcção de Vítor Oliveira Jorge ⁽¹⁴⁾.

2. Ambiente geográfico e implantação dos monumentos

A freguesia de Escariz, outrora pertencente ao concelho de Fermêdo, extinto em 1855, localiza-se na parte mais ocidental do concelho de Arouca, confinando a Norte com a freguesia de Fermêdo, a Nordeste com o concelho de Castelo de Paiva, a Este com a freguesia de Mansores, a Sudeste com a freguesia de Chave, a Sul com o concelho de Vale de Cambra (numa pequena extensão a que a estrada 224-1 serve de divisória), a Sudoeste com o concelho de Oliveira de Azeméis e, a Oeste-Noroeste com o concelho da Feira (Fig. 1). Apresenta uma grande variedade geológica, como todo o concelho, predominando contudo, os granitos hercínicos sintectónicos e os metassedimentos, pertencentes ao complexo xisto-grauváquico, de formação ante-ordoviciana, como querem alguns ⁽¹⁵⁾, ou de idade infracâmbrica segundo L. J. Schermerhorn ⁽¹⁶⁾; contudo, Brum Ferreira é de opinião que tais metassedimentos são de formação infracâmbrica e primeiros tempos do Câmbrico ⁽¹⁷⁾ (Fig. 2).

⁽¹¹⁾ Twohig, E. Shee (1981), *The Megalithic Art of Western Europe*.

⁽¹²⁾ Shee, E. (1974), Painted Megalithic Art in Western Iberia in, *Actas III Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, pp. 105-123.

⁽¹³⁾ Tais trabalhos iniciaram-se no final do ano de 1983, com o estudo do Dólmen da Mamoa 1 da Aliviada. Silva, Fernando A. P. (1984), *O Dólmen Pintado de Escariz-Arouca: Estudo e Protecção*. Relatório inédito.

⁽¹⁴⁾ Jorge, V. O. (1981), A propósito da Aboboreira... in, *Arqueologia*, n.º 3, pp. 1-2.

⁽¹⁵⁾ Teixeira, Carlos (1955), Lévolution du territoire portugais... in, *Bol. da Sociedade Geológica de Portugal*, vol. XIII.

⁽¹⁶⁾ Schermerhorn, L. G. B. (1956), Igneous, metamorphic and ore geology of the Castro Daire-São Pedro do Sul-Sátão region... in, *Serviços Geológicos de Portugal*, T. XXXVII.

⁽¹⁷⁾ Ferreira, António de Brum (1978), *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira — Estudo de Geomorfologia*, pp. 16.

O aspecto que importa principalmente realçar é que as características geo-morfológicas desta área — e referimo-nos à freguesia de Escariz — derivam principalmente do condicionamento a que está sujeito o relevo, pela tectónica hercínica, particularmente na zona de Alagoas-Nabais, com

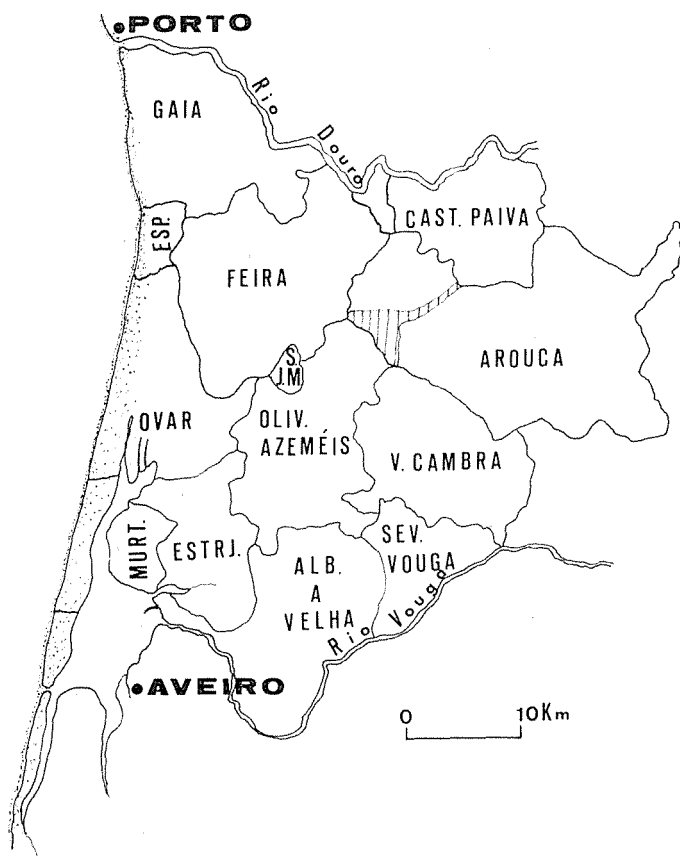


Fig. 1 — Localização da freguesia de Escariz, a tracejado, no concelho de Arouca e no Entre-Douro e Vouga.

um bem desenvolvido nível dos 500-600 metros, que corresponderá à plataforma de Arões e restantes superfícies com idêntica altitude ⁽¹⁸⁾. É assim que o sistema orográfico se faz sentir a Este, com altitudes compreendidas entre os 634 e 638 metros, enquanto na parte Norte/Noroeste o ponto mais alto não ultrapassa os 515 metros, favorecendo esta distri-

(18) *Idem.*

buição do relevo, a existência de inúmeras chãs e rechãs, locais propícios para a implantação dos monumentos megalíticos ⁽¹⁹⁾.



Fig. 2 — Características geológicas da «Área de Estudo».

Toda esta região apresenta uma grande riqueza aquífera, particularmente no que diz respeito às águas freáticas, que se encontram a pouca profundidade, verificando-se também a existência de alguns ribeiros, a que uma pluviosidade quase constante anualmente, traz em consequência a alta fertilidade dos solos; este meio físico apresenta, assim, excelentes condições para a fixação de comunidades humanas, como o parece atestar a

⁽¹⁹⁾ Silva, Fernando A. P. (1984), *Contribuição para o Inventário do Megalitismo no Concelho de Arouca: 1 — Monumentos Megalíticos da Freguesia de Escariz*. No prelo.

alta densidade e concentração de *tumuli* megalíticos e não megalíticos, não muito compatível com um nomadismo «tout court» (20).

A cobertura vegetal é hoje predominantemente de pinheiros e eucaliptos, tendo levado ao recuo de espécies autóctones como o castanheiro, o carvalho e o sobreiro que, muito dificilmente, vão subsistindo (21).

A fauna, no seu conjunto, não apresenta grande variedade, sendo as espécies comuns às restantes regiões do País. Destaca-se contudo, a presença do coelho bravo e algumas aves como tordos, estorninhos, pombos bravos e galinholas, ainda que em crescente declínio. Os répteis e os batráquios estão aqui bem representados, particularmente os segundos.

Para os *tumuli* pudemos verificar que, no seu conjunto, se encontram implantados em dois tipos de solos: solos de constituição geológica à base de rochas pertencentes ao complexo xisto-grauváquico e que indicaremos sob a designação de solos tipo 1 e em solos graníticos, hercínicos sintectónicos (solos tipo 2), localizando-se a maior densidade de monumentos nos primeiros, parecendo mesmo detectar-se uma certa «simpatia» por parte dos construtores dos megálitos pelos solos de metassedimentos, verificando-se uma certa correspondência entre os monumentos, a capacidade agrícola dos solos e a composição geológica dos mesmos pois, é nos solos pertencentes ao complexo xisto-grauváquico que é maior a aptidão agrícola, hoje transformados em solos de aptidão florestal (Fig. 3); daí, talvez, a razão porque se verifica uma maior densidade de monumentos megalíticos, o que já não acontece com os solos graníticos, onde a rentabilidade é menor, registando-se uma menor quantidade de monumentos (22). Conjugando-se estes dados com as cotas em que foram implantados os *tumuli*, assinalam-se dois grandes grupos: um com cotas entre os cerca de 500 e 570 metros e outro em que aquelas estão compreendidas entre os cerca de 400 e 490 metros, seguindo aproximadamente a orografia desta área que, como já se referiu, diminui de Este para Oeste, correspondendo por sua vez aos solos tipo 1 e tipo 2 respectivamente (23).

Esta implantação, que se verifica de um modo geral para os monumentos da área considerada, não é observada quando se trata da localização de cada monumento em particular, assinalando-se uma grande variedade, embora dentro dos dois tipos principais de implantação — chãs e plateaux —, com raríssimas excepções. Temos, assim, monumentos implantados directamente numa chã, numa elevação inscrita numa chã, num plateau, numa

(20) Jarman, M. R., Bailey, G. N. e Jarman, H. N., Edited by (1982), *European Agriculture. Its Foundation and Development*.

(21) Birot, Pierre (1950), *Portugal*.

(22) Vd. *op. cit.* nota 19.

(23) *Idem*.

elevação inscrita num plateau e apenas cinco casos em que essa implantação é feita a meia encosta de um pequeno plateau — apenas um é um tumulus megalítico. Percentualmente isso significa que 50 % dos monumentos têm

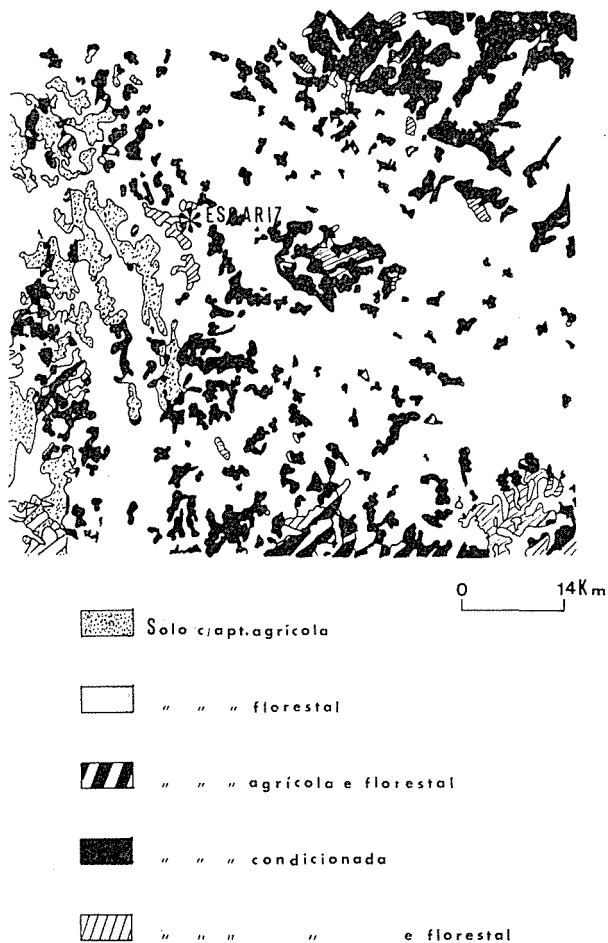


Fig. 3 — Capacidade agrícola dos solos da «Área de Estudo».

uma implantação numa elevação inscrita numa chã, 20 % numa chã, 12,5 % a meia encosta de um pequeno plateau, 10 % estão implantados numa elevação inscrita num plateau e apenas 7,5 % estão directamente implantados num plateau ⁽²⁴⁾.

(24) *Idem.*

Tipologicamente os *tumuli* estão organizados em dois grandes grupos, com as suas subdivisões: circulares e elípticos com, respectivamente, os subcirculares e os subelípticos, o predomínio vai porém para os *tumuli* subcirculares com 42,5 %, logo seguidos pelos subelípticos com 30 %,

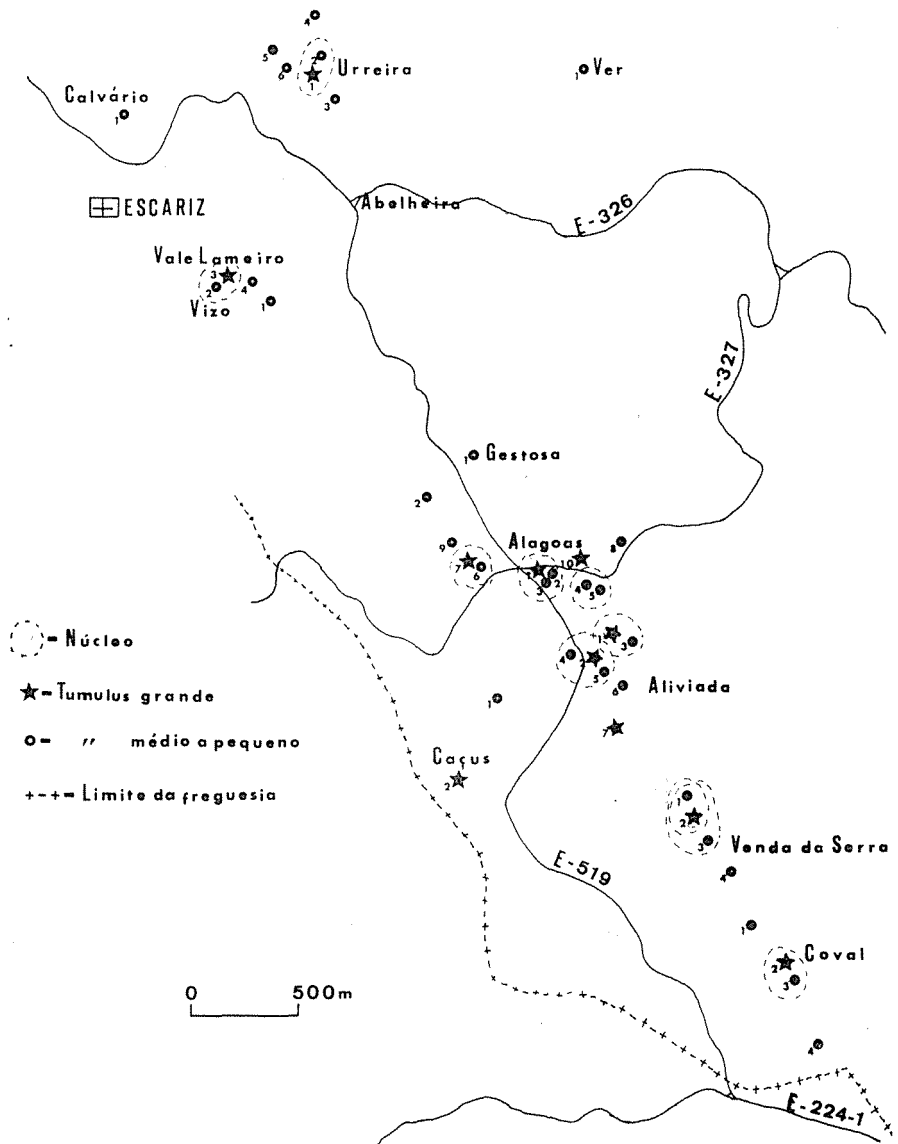


Fig. 4 — Distribuição espacial dos monumentos megalíticos da freguesia de Escariz.

os circulares com 17,5 % e, finalmente, os elípticos com 10 %. Pudemos ainda verificar que não há correspondência alguma entre o tipo de implantação e a tipologia das mamoadas (25).

Um último facto a reter diz respeito à relação dos monumentos uns com os outros. Assim, temos quer monumentos isolados quer monumentos agrupados, quer em posição dominante, quer em posição subalterna. Num total de 40 monumentos (26), na sua grande maioria estão agrupados em núcleos de dois ou mais monumentos, isto num total de dez núcleos, verificando-se ainda que, dentro de grande parte dos núcleos, há monumentos satélites como, por exemplo, no Coval onde um *tumulus* de grandes proporções tem como satélite um *tumulus* bem menor, ou no caso do núcleo de Alagoas em que o monumento de maior tamanho é satelizado por dois *tumuli* de pequenas dimensões (Fig. 4). No caso dos *tumuli* isolados verifica-se uma grande diversidade de tamanhos. Há ainda que referir um caso que, não sendo embora na freguesia de Escariz, mas na freguesia de Albergaria das Cabras, na Serra da Freita, um *tumulus* cobre quatro câmaras megalíticas, uma das quais um dólmen de corredor (27) (Fig. 5).

3. As mamoadas, suas estruturas

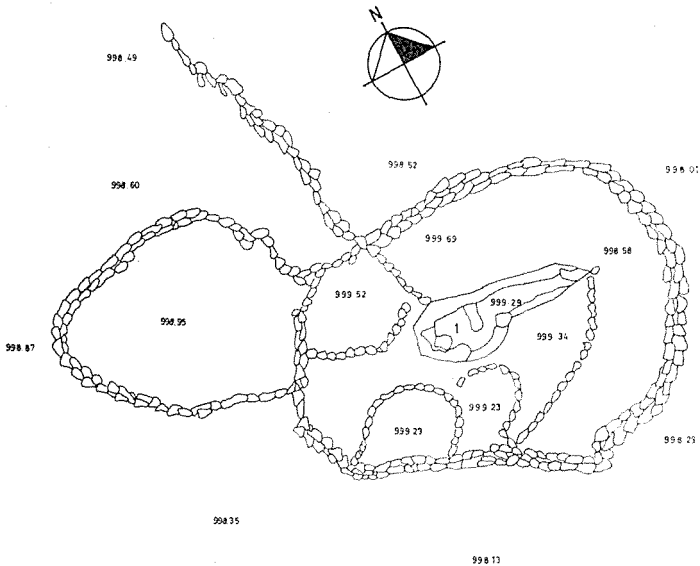
O aspecto visual mais saliente, e daí a denominação popular de «mámoas», é o seu formato monticular mais ou menos circular ou elíptico, formado principalmente, de um modo geral, por terra e pedras. Materiais esses recolhidos preferencialmente nas redondezas da erecção dos monumentos, recorrendo para tal às matérias-primas existentes na região. No geral dos monumentos conhecidos para a região, os montículos são formados de terras húmidas superficiais e recobertos por elementos líticos de pequena e médias dimensões, vulgarmente designada por couraça lítica. Porém, a partir dos monumentos que nestes três anos têm sido por nós escavados, pudemos verificar que se a regra geral das mamoadas é aquele tipo de cobertura, casos há em que a estrutura da mamoadas é completamente diferente. Assim, no caso da Mamoadas 2 da Aliviada ou Alviada, não temos um *tumulus* de terra e pedras mas um *tumulus* pétreo, ou seja, um verdadeiro

(25) *Idem.*

(26) Presentemente são 41 os monumentos assinalados para a freguesia de Escariz porém, aquando da redacção do trabalho, ainda não tinha sido referenciada a Mamoadas de Ver.

(27) Trata-se da Mamoadas da Portela da Anta, referida por Leisner como sendo a Mamoadas da Junqueira, conforme tivemos oportunidade de confirmar juntamente com a Dr.^a Philine Kalb, a quem muito agradecemos.

«cairn»; neste caso, o *tumulus* que cobria a câmara megalítica, tinha uma composição toda ela à base de elementos líticos de médias e grandes dimensões, verdadeiros blocos, bem imbricados, formando um invólucro



1 - Dolmen de corredor

Mamoia da Portela da Anta

Albergaria da Serra - Arouca

Escala 1:200

Ano: 1987

Fig. 5 — Planta da Mamoa da Portela da Anta (Mamoia da Junqueira, seg. Leisner). Levantamento planimétrico dos Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Arouca.

compacto sobre a câmara megalítica (Fig. 6), e na Mamoa 1 do Calvário, cuja cobertura lítica se reduz à periferia. De momento desconhecemos a existência de *tumuli* megalíticos formados unicamente de terras húmidas, já que para os monumentos escavados se pôde observar, após remoção das terras superficiais, a cobertura, o que não acontece com os monumentos em que tais trabalhos se não realizaram. Daí a necessidade de um alargamento do estudo a outros monumentos, pois nada nos garante que a regra geral da estrutura de cobertura seja uma couraça lítica (do mesmo modo que o único caso de um *tumulus* unicamente

constituído por blocos seja, isso mesmo, caso único), antes parecendo confirmar-se uma grande variabilidade de soluções.



Fig. 6 — Pormenor do *cairn* da Mamoa 2 da Aliviada, Escariz, concelho de Arouca.

Todos os monumentos por nós referenciados apresentam vestígios de violação, de que sobressai a típica cratera mais ou menos profunda, no centro do *tumulus*, não se vislumbrando, no geral, qualquer esteio que possa *a priori* dar algumas indicações sobre a tipologia da câmara que encerra no seu interior, razão por que nos vemos quase unicamente confrontados com *tumuli*.

4. As estruturas internas das mamoas

Como se disse anteriormente, poucos são os *tumuli* que apresentam vestígios visíveis das câmaras funerárias que encerram no seu interior; porém, num ou noutro caso, tal pode ser observado. Temos assim a Mamoa 3 da Venda da Serra, que encerra um dólmen poligonal, formado por seis esteios; a Mamoa 3 da Aliviada que, com os seus três esteios, parece definir uma pequena câmara poligonal do tipo cista; a Mamoa 1

de Chave, com um único esteio, parece encerrar uma câmara poligonal; a Mamoa 1 de Ver ⁽²⁸⁾, com dois esteios visíveis, também parece indicar a existência de uma câmara poligonal e, na freguesia de Albergaria das Cabras, na Serra da Freita, no lugar da Portela da Anta, um *tumulus* de grandes dimensões encerra, entre outras estruturas funerárias, um dólmen de corredor e câmara subrectangular, formada por sete esteios ⁽²⁹⁾.

Nesta indicação não entramos em linha de conta com os *tumuli* que, embora apresentem esteios, estes se mostrem em posição demasiado duvidosa não se encontrando fincados de forma consistente, dando a aparência de estarem *in situ*; se o fizéssemos poderíamos ser induzidos em erro, como se verificou no dólmen da Mamoa 2 da Aliviada que, antes de escavada ⁽³⁰⁾, parecia possuir um dólmen poligonal simples e, após os trabalhos, revelou tratar-se de uma estrutura completamente diferente ⁽³¹⁾.

Tudo o que se deixou dito atrás refere-se a monumentos referenciados no seguimento do levantamento efectuado na freguesia de Escariz e, portanto, ainda não escavados, com excepção do dólmen de corredor, cujo estudo se iniciou durante o corrente ano. No que se refere aos monumentos já escavados e para os quais, como é óbvio, possuímos dados concretos, a tipologia é a seguinte: Mamoa 1 da Aliviada, com um dólmen de câmara alongada, sub-rectangular, formada por nove esteios, na quase totalidade gravados e/ou pintados, com abertura voltada a SSE ⁽³²⁾ (Fig. 7); a Mamoa 2 da Aliviada, cobriu inicialmente uma grande câmara poligonal simples e, posteriormente, foi substituída por uma câmara oblonga ou subcircular, tipo cista megalítica (Fig. 8); a Mamoa 1 de Alagoas encerrava um grande dólmen poligonal simples, com esteios pintados — segundo a tradição local — de que hoje nada resta a não ser uma pequena porção do tumulus e os negativos e valas de colocação dos esteios ⁽³³⁾; a Mamoa 1 do Calvário, com um pequeno dólmen de câmara poligonal simples, de que se podem apreciar as valas de colocação dos esteios ⁽³⁴⁾; e o dólmen 1

⁽²⁸⁾ Cf. nota 26.

⁽²⁹⁾ Vd. *op. cit.*, nota 10, e cf. nota 27.

⁽³⁰⁾ Este monumento foi um dos intervencionados por Pinho Brandão, sendo visível, antes de iniciarmos as escavações, a extremidade superior de um esteio.

⁽³¹⁾ Numa mamoa com dólmen de câmara poligonal foi construída uma câmara tipo cistóide de formato oblongo ou subcircular, composta por sete esteios e muretes de pedra vã.

⁽³²⁾ Silva, Fernando A. P., *A Arte Parietal do Dólmen da Aliviada — Escariz in, Aveiro e o Seu Distrito*, no prelo.

⁽³³⁾ Silva, Fernando A. P. (1985), *Escavação da Mamoa 1 de Alagoas*. Relatório inédito.

⁽³⁴⁾ Silva, Fernando A. P. (1985), *Escavação da Mamoa 1 do Calvário*. Relatório inédito.

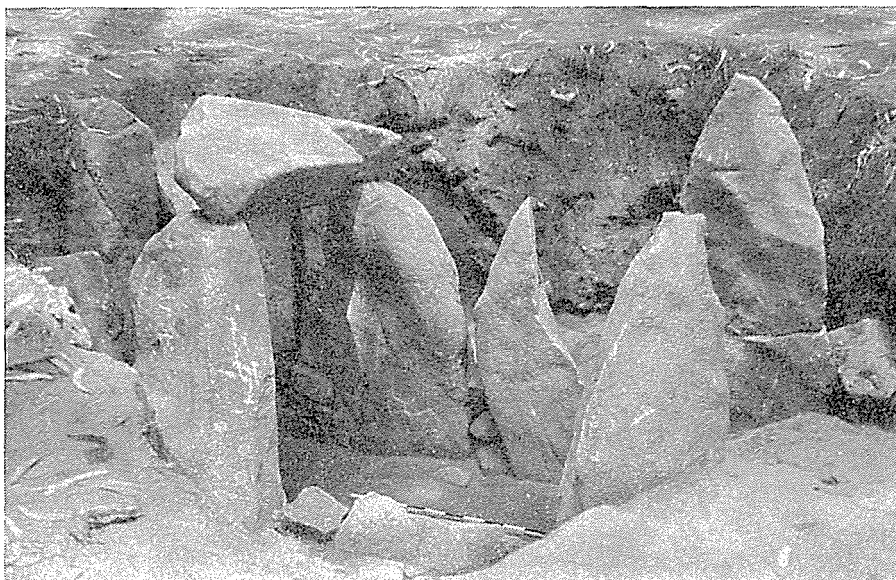


Fig. 7 — Dólmen da Mamoa 1 da Alviada (Alviada), Escariz, concelho de Arouca.



Fig. 8 — Aspecto da câmara funerária, tipo cista megalítica, da Mamoa 2 da Alviada (Alviada), Escariz, concelho de Arouca.

da Mamoa da Portela da Anta ⁽³⁵⁾, monumento de corredor curto e câmara sub-rectangular (Fig. 9).

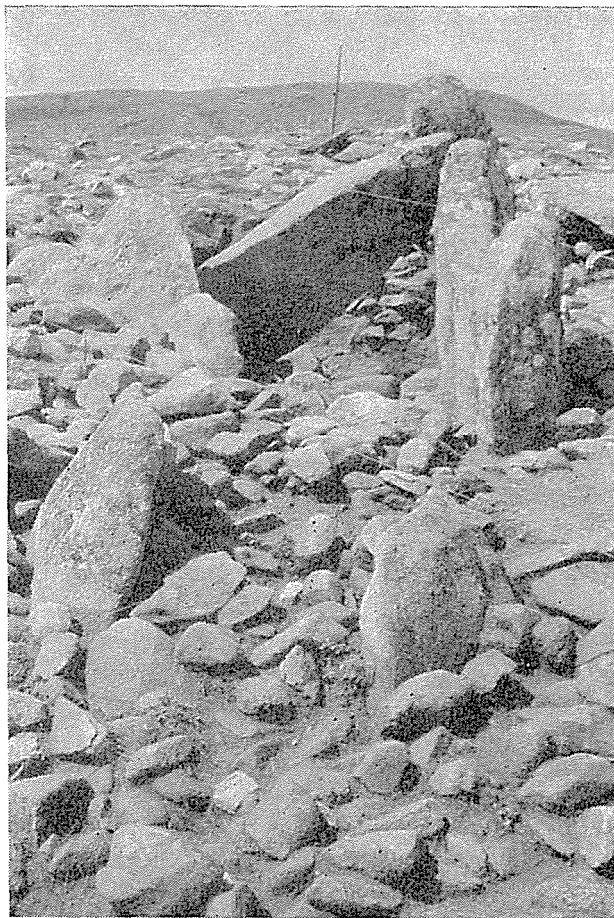


Fig. 9 — Dólmen 1 da Mamoa da Portela de Anta, Serra da Freita, Albergaria das Cabras (Albergaria da Serra), concelho de Arouca.

Do exposto se verifica, para os monumentos escavados, o predomínio das câmaras poligonais simples, embora uma observação genérica mas atenta dos *tumuli* da região pareça indicar uma preponderância dos monumentos megalíticos de câmara poligonal alongada, o que só se poderá

⁽³⁵⁾ Cf. nota 27. Silva, Fernando A. P. (1985), *1.ª Campanha de Escavações no Dólmen 1 da Mamoa da Portela da Anta*. Relatório inédito.

confirmar, ou não, com a continuação das escavações em tais monumentos. Refira-se que, para todo o concelho de Arouca, apenas é conhecido um único monumento de corredor, que se localiza a grande altitude, não cabendo, portanto, e de momento, para a região considerada.

Quanto ao tipo de contrafortagem das câmaras megalíticas, no geral trata-se de um anel de blocos, melhor ou pior imbricados, rodeando exteriormente os esteios que, na sua grande maioria, foram colocados em fossas abertas para o efeito. Apenas num caso, dentre os monumentos estudados, se verificou que tal anel de contrafortagem não existia — Mamoia 2 da Aliviada. Aqui, alguns dos esteios foram colocados em fossas, servindo o afloramento de xisto-grauvaque para que outros a ele se adossassem, pousados directamente sobre a rocha de base. Também para a câmara funerária coberta pela Mamoia 1 do Calvário, embora a mesma seja rodeada por um anel lítico, de planta circular, aberto sensivelmente a Este-Sudeste, a sua função parece-nos mais de ordem cultural que funcional já que se apresenta muito distanciado da exígua câmara funerária, a qual se encontra claramente descentrada, tocando o anel apenas no sector Este-Sudeste (Fig. 10).

Em nenhum dos casos até agora estudados foi possível verificar a existência de pavimentação das câmaras megalíticas já que, em todas, a

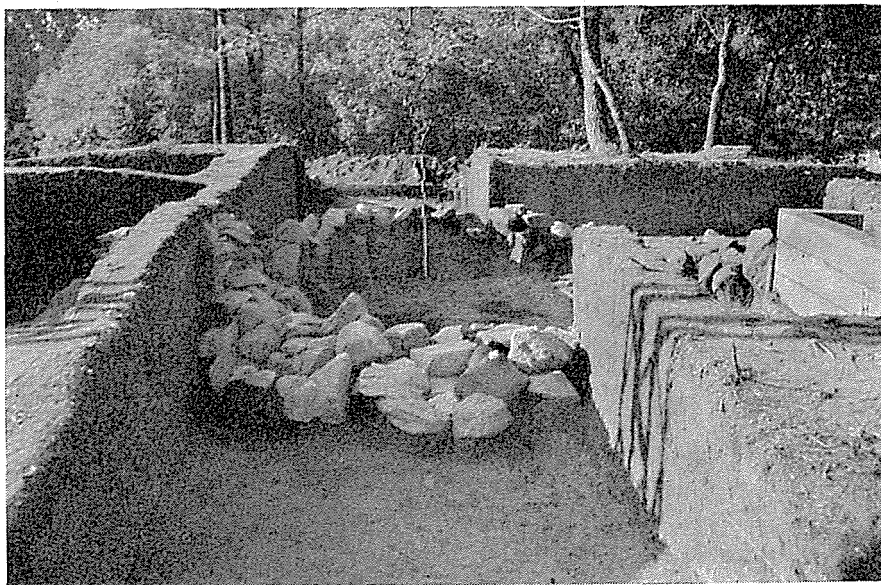


Fig. 10 — Pormenor do anel lítico periférico à câmara funerária da Mamoia 1 do Calvário, Escariz, Arouca.

violação atingiu o seu interior até ao nível rochoso, embora não nos queira parecer que os corpos fossem depositados directamente nos afloramentos pois muitos deles são de tal modo irregulares que não permitiriam uma acomodação ideal dos corpos. Apenas para um caso possuímos informação referente ao pavimento de uma câmara megalítica: a da Mamoa 1 da Aliviada. Segundo o Prof. Ferreira de Almeida, quando Pinho Brandão escavou este monumento, era visível no interior da câmara um piso de coloração vermelha, com alguns centímetros de espessura, possivelmente ocre; porém, quando procedemos ao reestudo do monumento em causa, nas poucas zonas não remexidas do monumento, nada foi assinalado. Também na Mamoa 1 do Calvário, quando se procedia à decapagem das terras do interior da câmara foi possível assinalar, junto de um dos blocos graníticos que, no bordo da fossa de um esteio, teria tido a função de calce, um machado polido *in situ*, sobre um nível pouco espesso de areia colorida de vermelho, resto provável do nível de uniformização do solo da câmara; porém, a reduzida área ocupada por este nível não permite afirmar que o solo desta câmara tenha sido pavimentado com areia, a que se juntou matéria colorante.

Outro aspecto a referir diz respeito à orientação das câmaras megalíticas; sendo todas abertas, estão voltadas, duas para SSE — Mamoa 1 e Mamoa 2 da Aliviada —, duas voltadas a ESE — Mamoa 1 de Alagoas e Mamoa 1 do Calvário —, e apenas uma voltada nitidamente a Este — Dólmen 1 da Mamoa da Portela da Anta (monumento de corredor).

De tudo o que se deixou dito anteriormente, verifica-se que também para esta região o polimorfismo é muito acentuado, quer ao nível de cada monumento isolado, quer mesmo entre os monumentos de um mesmo núcleo; porém, como ainda não possuímos datações absolutas para estes monumentos, desconhecemos se tal polimorfismo se deve a aspectos cronológicos, ou não, ou seja: serão os monumentos dos núcleos coetâneos entre si ou, pelo contrário, estaremos perante diferentes momentos de construção? De momento apenas podemos constatar o facto sem que possamos tomar partido algum, pois faltam-nos dados para tal.

5. Estruturas periféricas nas mamoas

Poucos são os *tumuli* em que se pode observar nitidamente a existência de utilizações não coetâneas com os monumentos megalíticos, embora esta afirmação não inviabilize a existência de tais estruturas pois trata-se de uma verificação, antes do mais, superficial. Casos há, porém, em que possuímos mais que meros indícios porque em tais monumentos foram

realizados trabalhos arqueológicos. Queremos referir-nos, particularmente, a um, já que foi nesse monumento megalítico que se detectaram vestígios iniludíveis de utilizações «secundárias», a Mamoa 2 da Aliviada.

Neste *tumulus* foram assinaladas duas estruturas periféricas, ambas funerárias. Uma, que genericamente podemos designar por Estrutura 1, é uma cista formada por sete esteios dispostos de forma piramidal, de base heptagonal com cerca de 80 cm de eixo maior. Localizou-se aquando da abertura do sector Este, estando «encaixada» no corte ESE-OSO (Fig. 11), não havendo à superfície da mamoa o mínimo vestígio que indicasse a sua existência; daí, o dever-se a mera casualidade a sua detecção. Tal estrutura, de perfil piramidal, com os sete esteios inclinados para o centro, formando vértice (Fig. 12), estava rodeada por um anel de lajes e blocos dispostos obliquamente, no sentido das lajes da cista, formando uma autêntica carapaça envolvente daquela, fechando-a do topo ao fundo, hermeticamente, não apresentando sinal algum de violação. Apesar do seu aspecto inviolado, como se verificou, o estudo do seu conteúdo não revelou espólio algum.

A outra estrutura, ou Estrutura 2, é de um tipo completamente diferente, ou seja, não tinha câmara pétreia alguma, antes se compo de uma depressão não muito funda, na qual estavam dispostos carvões à mistura com fragmentos cerâmicos e uma lâmina espessa, em sílex, com a ponta distal retocada em raspador. A cobrir este «cinzeiro», uma calote subcircular em pedra miúda, formando como que uma «couraça», espessada no centro, escorando uma pequena laje em granito, orientada de NNE-SSO, em posição obliqua e que, já antes do início dos trabalhos de escavação, era visível à superfície do *tumulus*.

Na Mamoa 10 de Alagoas pode-se observar, na periferia da mamoa, uma pequena laje fincada, em tudo semelhante à que «assinalava» a estrutura funerária de incineração que se acaba de referir, podendo indicar uma estrutura semelhante, embora tal só se possa corroborar após a escavação deste monumento.

Outro monumento onde se podem observar nítidas «estruturas periféricas» é na Mamoa da Portela da Anta, na freguesia de Albergaria das Cabras-Serra da Freita, concelho de Arouca ⁽³⁶⁾. Neste *tumulus*, que encerra um dólmen de corredor, foram construídas três outras estruturas funerárias que tudo parece indicar tratar-se de dólmens simples de câmara poligonal, embora Vera Leisner se tenha referido a elas como se de cistas se tratassem ⁽³⁷⁾.

⁽³⁶⁾ Vd. *op. cit.* nota 10 e cf. nota 35

⁽³⁷⁾ Vd. *op. cit.* nota 10.

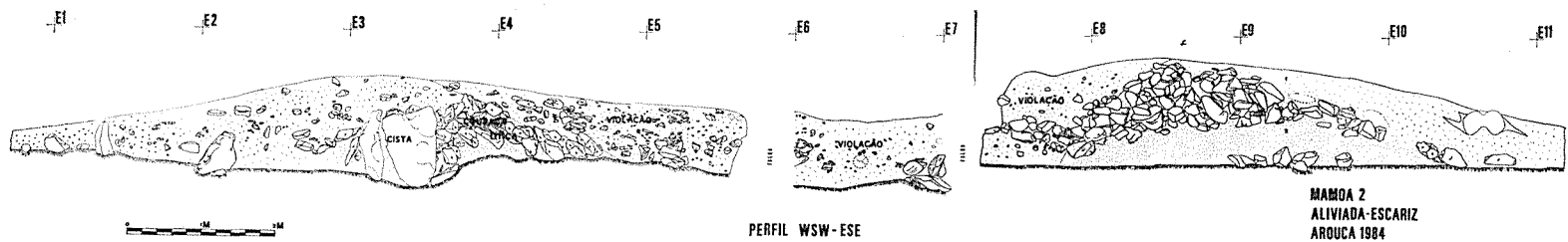


Fig. 11 — Cista inserta no *tumulus* da Mamoa 2 da Aliviada (Alviada), Escariz, concelho de Arouca, corte Este-Sudeste/Oeste-Sudoeste.

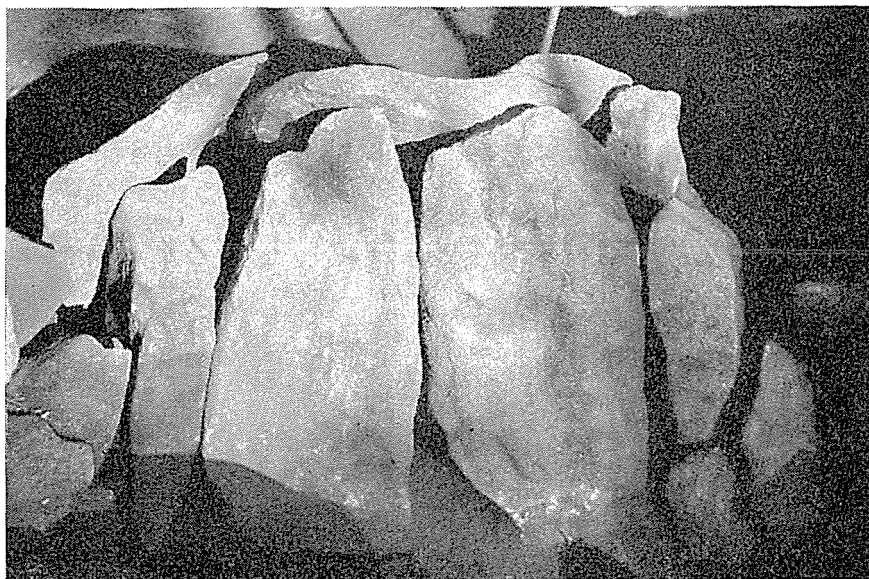


Fig. 12 — Estrutura periférica 1 (cista).

6. Espólio dos monumentos

Contrariamente ao que se verifica para os monumentos a Norte do Douro que, como vários investigadores têm acentuado ⁽³⁸⁾, é no geral muito escasso e fragmentário, o espólio dos monumentos desta região é abundante e de boa qualidade, particularmente no que diz respeito aos artefactos líticos pois, a cerâmica, conquanto muito abundante, apresenta-se quase sempre muito fragmentada, a que não serão estranhas as diversas violações a que estes monumentos foram sujeitos ao longo do tempo.

Assim, o espólio que caracteriza estes monumentos, para um total de cinco já estudados, é o seguinte:

A — Material lítico (Fig. 13).

a) em pedra lascada:

a.1. *micrólitos geométricos*, predominantemente em sílex (apenas num caso, Mamoia 1 do Calvário, em cristal de rocha). Predomínio dos trapézios, sobre os crescentes e os triângulos, na variedade assimétrica.

⁽³⁸⁾ Jorge, V. O. (1982), Le mégalitisme du Nord du Portugal: un premier bilan in, *Bull. Soc. Préhist. Franç.*, T. 79, n.º 1, pp. 15-22.

a.2. *pontas de seta*, em que a maior percentagem pertence às pontas de recorte triangular, com um ligeiro pedúnculo, logo seguidas pelas de base recta. Em dois casos o material utilizado foi o quartzo (Mamoia 2 da Aliviada), nos restantes o sílex.

a.3. *lâminas e lamelas*, tanto em sílex como em quartzo, embora o predomínio vá para o primeiro, particularmente no caso das lâminas, predominantes sobre as lamelas. Aquelas caracterizam-se pelo seu perfil curvo e secção trapezoidal.

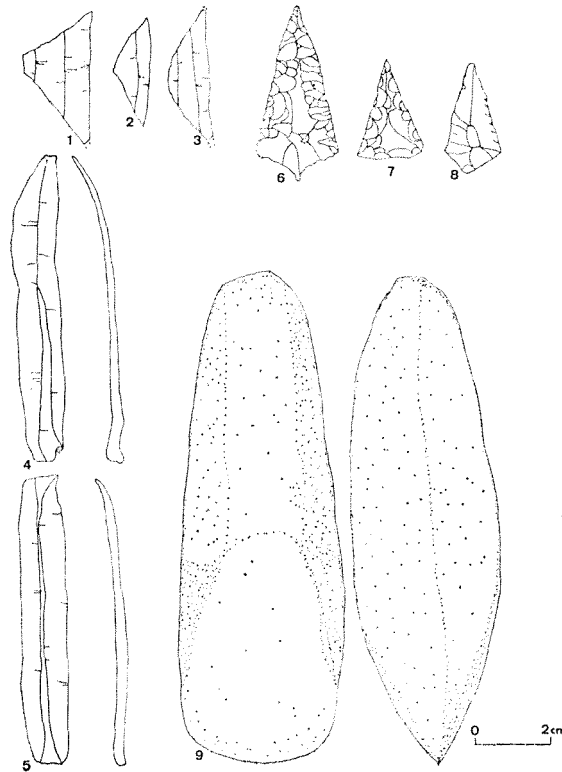


Fig. 13 — Espólio lítico de monumentos megalíticos da freguesia de Escariz, concelho de Arouca; n.ºs 1, 3, 6-8, Mamoia 2 de Aliviada e 2, 4, 5, 9, Mamoia 1 do Calvário.

b) em pedra polida:

b.1. *machados*, até ao momento os únicos artefactos em pedra polida. A matéria-prima utilizada na sua confecção divide-se entre o quartzito e

a fibrolite. Uma machadinha votiva, de proveniência desconhecida ⁽³⁹⁾, tem como matéria-prima a selimanite ⁽⁴⁰⁾.

c) diversos:

c.1. *elementos de moinho manual*, tanto dormentes como moventes, em granito.

c.2. *percutor*, em granito, na Mamoa 1 de Alagoas.

c.3. *lascas*, em sílex e em quartzo, assinaladas em todos os monumentos, com excepção do Dólmen da Mamoa da Portela da Anta.

B — Material cerâmico.

Em todos os monumentos é constante a grande abundância de cerâmica porém, na maior parte dos casos, apresenta-se muito fragmentada, não permitindo a reconstituição das formas.

b.1. *cerâmica lisa*, divide-se em dois grandes grupos de pastas, assim o forno utilizado na cozedura, seja redutor ou oxidante, daí as diversas tonalidades laranja e castanho. As formas predominantes são os recipientes esféricos abertos.

b.2. *cerâmica decorada*, a mesma divisão de pastas. Nos poucos fragmentos decorados, a técnica utilizada foi a da incisão e o puncionamento. Temos, assim, decoração feita à base de linhas rectas oblíquas, paralelas, incisas; linhas onduladas paralelas (decoração penteada), incisas, associadas num mesmo fragmento a puncionamentos espaçados, dispostos obliquamente em paralelo — decoração contida num fragmento cerâmico de recipiente de base recta lobulada, proveniente da Mamoa 1 do Calvário. No geral, a forma destas cerâmicas não é claramente discernível, embora nos pareça tratar-se também de recipientes abertos.

Quanto à cerâmica campaniforme, até ao momento, é completamente desconhecida.

C — Elementos de adorno.

c.1. *contas discoidais em xisto*, são os únicos elementos de adorno claramente documentados, aparecendo em grande profusão — só na Mamoa 2 da Aliviada foram assinaladas 935. Elisabeth Shee Twohig ⁽⁴¹⁾ refere, para o dólmen da Mamoa 1 da Aliviada, entre o espólio recolhido por Pinho Brandão, a existência de uma conta verde.

⁽³⁹⁾ Colecção particular de José Manuel Teixeira, a quem muito agradecemos.

⁽⁴⁰⁾ Informação prestada pelo Dr. Huet de Bacelar Gonçalves, da Faculdade de Ciências do Porto, a quem muito agradecemos.

⁽⁴¹⁾ Vd. *op. cit.* nota 11.

D — Elementos metálicos.

d.1. *lâmina em cobre*, de reduzidas dimensões, muito oxidada, assinalada no corredor do Dólmen da Mamoa da Portela da Anta.

7. Manifestações artísticas

Para a região considerada conhecem-se alguns monumentos em que os seus esteios apresentam motivos decorativos gravados e(ou) pintados. O caso mais representativo, e melhor documentado, é sem dúvida o do Dólmen da Mamoa 1 da Aliviada, que mereceu a atenção de Elisabeth



Fig. 14 — Representações simbólico-decorativas no esteio n.º 2 do Dólmen da Mamoa 1 da Aliviada, Escariz, concelho de Arouca. A técnica utilizada foi a da gravação que, após ter sido preenchida com base branca, foi colorida de vermelho.

Shee Twohig ⁽⁴²⁾, nele reconhecendo alguns dos seus motivos decorativos.

Posteriormente, no seguimento dos trabalhos de estudo e protecção do monumento em causa ⁽⁴³⁾, novos motivos simólico-decorativos foram assinalados ⁽⁴⁴⁾. Em alguns dos esteios postos então a descoberto, para além dos motivos lineares ondulados, pintados a vermelho, assinalaram-se as representações sub-recangulares radiadas, gravadas e pintadas de vermelho, entre outros motivos, sobressaindo, porém, no esteio n.º 2, uma composição mais realista (Fig. 14).

Outro monumento que, segundo a tradição popular, teria os seus esteios com motivos decorativos, era o Dólmen da Mamoá 1 de Alagoas, do qual, infelizmente, hoje nada resta, podendo-se apenas ainda observar parte da mamoa que o cobria e que foi objecto de estudo, por nós, durante a campanha da Páscoa do corrente ano ⁽⁴⁵⁾. É bem possível que noutros monumentos da região existam manifestações simbólico-decorativas, tão perto nos encontramos do «grupo de Viseu» porém, só a continuação dos trabalhos arqueológicos poderá revelar tal existência ⁽⁴⁶⁾.

8. Conclusão

De tudo o que se deixou dito para os monumentos do concelho de Arouca e, de modo mais particular, para a freguesia de Escariz, alguns dados importa reter:

— os monumentos distribuem-se entre os terrenos pertencentes ao complexo xisto-grauváquico e os terrenos graníticos, sendo porém nestes que a densidade é menor;

— em ambos os tipos de solos, a implantação segue a regra geral ou seja, quer em chãs quer em plateaux, sobre uma elevação ou não, e também na vertente de pequenos plateaux;

— distribuem-se, no geral, em núcleos, parecendo detectar-se, em alguns deles, uma certa hierarquização;

— verifica-se a existência de acentuado polimorfismo entre os vários monumentos, mesmo ao nível de núcleos;

— no geral apresentam espólios arqueológicos abundantes e de boa qualidade, predominando o artefacto em sílex, isto numa região onde ele

⁽⁴²⁾ Vd. *op. cit.* notas 11 e 12.

⁽⁴³⁾ Cf. nota 13.

⁽⁴⁴⁾ Cf. nota 32.

⁽⁴⁵⁾ Cf. nota 33.

⁽⁴⁶⁾ Vd. *op. cit.* nota 11.

não existe. Nos recipientes cerâmicos predominam as formas abertas, esféricas, desprovidas de decoração. Até ao momento desconhece-se a existência de cerâmica campaniforme;

— existência de monumentos megalíticos com motivos simbólicos-decorativos gravados e(ou) pintados, nos seus esteios.

— não existência de vestígios de habitats, até ao momento, correspondentes às fases de construção e utilização destes monumentos.

São estes os dados que de momento é possível coligir, à luz dos trabalhos realizados nestes três anos, os quais mostram a vitalidade do megalitismo nesta região. Pena é que ainda não possuamos dados cronológicos absolutos que nos permitam uma abordagem temporal dos mesmos; porém, estamos certos que a continuação dos trabalhos nos permitirá, mais tarde ou mais cedo, obtê-los.

Arouca, 1985

RESUMO

O autor apresenta uma análise do conjunto megalítico da freguesia de Escariz, concelho de Arouca, Portugal.

Nesse estudo faz-se o levantamento de todos os monumentos existentes na região, procurando analisá-los à luz da distribuição espacial, nas suas relações com os diferentes tipos de solos.

Analisa ainda, em termos de conjunto, os monumentos escavados nos últimos três anos, tanto as suas estruturas como os espólios.

ABSTRACT

The author presents an analysis of the Megalithic group of the parish of Escariz, council of Arouca, Portugal.

In this study, the author took an inventory of all monuments existing in that region and tried to analyse them in the light of their space distribution and its relation to the various types of soil.

The structure and objects found in the monuments excavated for the last three years were also analysed as a whole.